

MOÇAMBIQUE - GORONGOSA

TROVOADA NA SERRA

RECORDAÇÕES 20 ANOS DEPOIS

JOSÉ DO ROSÁRIO ROSA

(Ex-adjunto de administrador de concelho, dos Serviços de Administração Civil de Moçambique, com última colocação no Concelho da Gorongosa, com sede em Vila Paiva de Andrada, Distrito da Beira)

*A minha mulher, Celita, que estoicamente manteve a
retaguarda.*

*A meus filhos, José Manuel e Sónia, que sempre me
alegraram a vida.*



Objectivo:

Retratar, designadamente ao José Manuel e à Sónia (a precedência é só de ordem alfabética), uma época conturbada, transformante, qual trovoadas que tivesse assolado a milenária e imponente serra da Gorongosa.



EM DIAS AINDA AMENOS

Decorria o ano de 1973. Havia sido promovido a adjunto de administrador e transferido de Vila Machado (Distrito da Beira), para Mocuba (Distrito da Zambézia).

Situada no interior da Zambézia, convergiam para Mocuba diversas estradas, que conduziam a outros tantos destinos. Por isso, no dizer feliz de alguém, lá " todos os caminhos se cruzam e a Zambézia se abraça".

Era, então, Mocuba uma pequena cidade, algo dura, com características próprias, na qualidade de cidade interior, herdeira, talvez, de alguns defeitos oriundos dos célebres prazos (regime fundiário cuja titularidade se estendia a 3 gerações), ponteada de pelouros e torres de nada: do Administrador, que acumulava a presidência da Câmara, do Delegado de Saúde, do Delegado da Junta Autónoma de Estradas, do Juiz, dos Abreus, Sacras, dos representantes da Boror, Namagoa, Sena Sugar, etc. Como sempre acontece, todos se honorificavam e distribuíam salamaleques quando juntos, e se mordiam quando separados.

Não obstante, para um funcionário administrativo, possuía Mocuba particularidades recomendáveis e apetecíveis. Cito: Associação Recreativa de razoável dimensão (Futebol do topo distrital, excelente piscina e sala para cinema), ensino primário oficial com instalações e professores adequados, e um colégio particular, salvo erro, até ao 5º. ano de então.

Acresce que, no caso pessoal, já conhecia bem Mocuba, uma vez que, de 1964 a 1967, administrara o Posto de Mugeba, que integrava o Concelho de Mocuba. E, caso raro, a Sónia regressava à terra da sua naturalidade.

Meses após a nossa chegada a Mocuba, fui eleito Presidente da Associação Recreativa, o que nos proporcionava, dentre o pouco envolvente, algumas regalias e honras, embora vazias.

O José Manuel frequentava a 4ª classe, a Sónia o Colégio, na fase pré-primária e seguintes.

A nossa permanência em Mocuba perspectivava-se, assim, calma e mesmo de privilégio, e tal perspectiva prolongava-se por quatro anos, tempo que normalmente os funcionários administrativos permaneciam num mesmo local. A "guerra" desenvolvia-se lá por longe e as questões políticas ainda as resolvíamos na esplanada do Associação Recreativa, de modo muitas vezes contundente para o Governo, o que mereceu um reparo da DGS local (Cordeiro), em termos algo semelhantes a "sejam mais comedidos".

Só que os funcionários administrativos tinham permanentemente pendente e apontada a arbitrariedade das transferências. E estas efectuavam-se por tudo e por nada, unilaterais e cegas, balizadas tão somente pelo "interesse público", chavão em que tudo cabia, sem admissão de quaisquer alternativas que não a obediência (Nos últimos anos, nem sequer a exoneração era concedida).

Ordem de transferência

Em Setembro de 1973, é recebido na Administração de Mocuba um telegrama, via rádio dos próprios Serviços, determinando a minha transferência para o Distrito da Beira. De nada valeram os protestos, nem a argumentação da inoportunidade da decisão e dos prejuízos pessoais que a mesma acarretava.

De imediato, fui contactado pelo Administrador Santos Monteiro, que, na altura, desempenhava as funções de Intendente do Distrito da Beira, no sentido de me apresentar com urgência, estando mesmo o Governo do Distrito disposto a fretar um avião para me transportar para a Beira (Aqui recordo aquele meu velho e saudoso amigo Santos Monteiro; as agruras da vida levaram-no a refugiar-se no *Scotch*, mas não conseguiram retirar-lhe o seu profundo sentido de humanismo e de vivência). Evitei a vinda do avião, mas não obviamente a transferência.

Dias depois, pela carreira normal da DETA, lá seguimos para a Beira (O Renault viajou comodamente instalado numa plataforma de transporte de máquinas pesadas, cedida pelo Júlio, do Azevedo Campos).

Goradas estavam as perspectivas pachorrentas de Mocuba e a vossa estabilidade no ensino, como terminados estavam os dias amenos.

Na Beira

Como era de norma, fui recebido pelo Governador Sousa Teles, a quem bem conhecia, como ele a mim, já que, de 1967 a finais de 1971, estivera eu colocado no Posto de Vila Machado, Distrito da Beira, com contactos muito frequentes com o Governador Sousa Teles, de quem, aliás, havia recebido desusadas atenções e um louvor por escrito (Entenda-se o "desusadas" pela distância hierárquica a que se situava, na época, um administrador de posto de um governador de distrito).

Recebeu-me o Governador com efusiva alegria, mostrando surpresa, mas satisfação, pela transferência. Perante os meus (renovados...) protestos pela transferência e prejuízos que me acarretava, limitou-se a dizer que concordava, mas o "interesse público" tanto impunha e que estava ao meu dispor no que fosse necessário, na sequência do que já tinha telefonado para os Maristas a reservar lugar para o José Manuel (Nos Maristas já me tinham informado que, na altura - início do ano lectivo - não havia vagas). E mais disse que mandaria colocar-me na Gorongosa.

Cruzado ficou o nosso destino com a Gorongosa, sua serra e sua trovoada.

A falsidade do Governador

Intrigado com o motivo da transferência para a Beira (o Governador, como disse, mostrara-se surpreso...) e porque algo me dizia que o dito motivo tivera origem na Beira, contactei um oficial administrativo, de nome Martins, que prestava serviço na zona do Gabinete, no sentido de obter alguma informação. E qual não foi o meu espanto, quando o Martins revela, sob meu compromisso de nada dizer, que a transferência havia sido solicitada a Lourenço Marques pelo próprio Governador Sousa Teles, em telegrama em cifra. Tal telegrama faz

Moçambique - Gorongosa

hoje parte dos documentos que tenho em meu poder e que integravam o meu processo individual. Para o arquivo da vida...

(Tivemos, entretanto, o prazer de ver na Beira o vosso tio Manuel que, talvez alertado pela ida do irmão para os bichos, veio de Lourenço Marques verificar o que se passava).



NA ZONA DA TEMPESTADE

Em Setembro de 1973, um táxi aéreo, da empresa Guerra, deixa-nos em Vila Paiva de Andrada, sede do concelho (depois distrito) da Gorongosa.

A primeira sensação foi de desconforto e isolamento: construções antigas, deslocações só por avião ou helicóptero, fardas por todo o lado, guerra sem som de tiros, nem inimigos à vista, mas que se sentia e pesava.

Vila Paiva consistia, então, no seguinte:

- . Administração e residências dos funcionários administrativos;
- . Mosca, seu estabelecimento comercial e fábrica de rações para animais;
- . 3 ou 4 comerciantes mais;
- . Escola Primária (primária mesmo), com professor de posto;
- . Hospital, assistido pelo médico militar e com um único enfermeiro qualificado (Marcos Fernandes);
 - . Acampamento da firma Jaime Guedes, construtora de um lanço da estrada Centro-Nordeste;
- . Posto da DGS, com 3 agentes europeus e méis dúzia de africanos;
- . Aquartelamento de uma companhia de GEs (grupos especiais, africanos - a designada "tropa do Jardim");
- . Aquartelamento da sede de um Batalhão, cujos efectivos estavam dispersos pela área.

A povoação era, pois, bem modesta, e bem diferente da Mocuba que fomos forçados a deixar.

Não obstante, e como era usual, o concelho abrangia vasta área e numerosa população.

Notabilizavam o concelho:

- . Posto administrativo do Maringué, lá para os confins do interior;
- . Parque Nacional da Gorongosa (Reserva de caça, para fins turísticos), com sede em Chitengo;
- . Reserva de caça do Kanganhatole (Aqui havia sido morto, 2 anos antes, um célebre médico espanhol, facto muito badalado na época. Foi atingido por um tiro vindo da floresta, ao descer do táxi aéreo que o transportava da Beira);

. Povoações comerciais de Canda e Cavalo, zonas de produção de milho na ordem de muitos milhares de toneladas.

Situação política

A Frelimo cedo se tentou implantar na área, já pelas extensas florestas, já pela serra da Gorongosa, tudo a proporcionar condições de abrigo e via de penetração para a zona europeizada constituída pelo eixo Beira-Inchope-Vila Pery.

Parece não ter sido fácil à Frelimo a sua fixação na zona, como aliás se deduz de denúncias feitas pelas autoridades tradicionais a respeito da permanência, ou passagem, de comissários políticos (vanguarda da Frelimo).

Uma das denúncias foi feita por um chefe de povoação da zona da serra. Pressionado depois pela propaganda e gradual implantação da Frelimo, não terá visto outra solução para se subtrair a ambos os fogos (poder constituído e Frelimo) do que pôr termo à vida. Enforcou-se.

Ao que me narraram, a primeira acção "subversiva" da Frelimo terá sido a morte de um comerciante europeu, que apareceu esquartejado.

O Administrador Melim, pessoa idosa e no fim da carreira, também havia sido emboscado ao viajar com uma coluna militar, facto que psiquicamente muito o afectou.

Aquando da nossa chegada à Gorongosa, os campos de domínio já estavam bem delimitados. A Frelimo movimentava-se nas zonas de floresta e serra; a administração portuguesa controlava toda a área do concelho e sediava-se, com efectividade, em Vila Paiva, Chitengo, povoações comerciais, Maringué e diversos aldeamentos.

Os "célebres" aldeamentos

O aldear, ou reunir, as populações, correspondeu sempre a um objectivo dos puristas da política europeia. Segundo a sua doutrina, enquanto as populações não vivessem reunidas, seria impossível ao Estado implementar as normais estruturas de apoio social. Perguntavam: como e onde construir escolas, hospitais, etc, se as populações se encontram dispersas e, nessa dispersão, periodicamente trocam de local?

Argumentavam os políticos do terreno, por outro lado, que se as populações viviam dispersas, esse foi o modo mais prático e razoável que lhe ditou a experiência de séculos e séculos de vida.

Com efeito, a dispersão e mobilidade disponibilizavam meios como água, caça, pesca, terrenos sempre produtivos, etc, e evitavam inconvenientes sérios que decorrem da aglomeração, como sejam a necessidade de rede de esgotos, de abastecimento de água, e de total inversão no modo de trabalho da terra, sujeita que seria, agora, a cultivo intensivo e portanto depauperante.

A guerra veio fazer pender o fiel da balança para o lado dos puristas. E que surgiram dificuldades e problemas de segurança que sustentaram e apoiaram a sua tese. Como proteger as populações, se se encontram dispersas por quilómetros e quilómetros quadrados, florestas fora?

Além disso, o aldear cedo se mostrou o melhor meio de retirar as populações à Frelimo, subtraindo-lhe campo de recrutamento e apoio.

Moçambique - Gorongosa

Além disso ainda, o aldear era indispensável para delimitar os campos de influência das forças no terreno: quem está no aldeamento é de cá; quem está fora é de lá.

Foi assim que em toda a área da Gorongosa se instituíram aldeamentos (como aliás em todas as zona de "guerra").

Escolhido o terreno, a Administração destroncava, atalhoava e fornecia transporte para os materiais de construção das habitações (normalmente palhotas e de má qualidade).

Em redor do aldeamento era efectuada a destronca de árvores, o que, simultaneamente, disponibilizava terreno para cultura e proporcionava melhores condições de segurança.

Todo o conjunto era protegido por uma força (guarda rural), composta por uma a duas dezenas de homens, enquadrada por um graduado, em alguns casos, europeu.

Cedo se revelaram problemas graves no novo modelo social, especialmente ao nível sanitário, alimentar e relações entre os aldeados, com hábitos ancestrais de vida em separado, embora com elos profundos de profunda solidariedade.

Era este o *panorama* no início das minhas funções na Gorongosa.



PERÍODO DE SETEMBRO/73, A ABRIL/74

Não obstante ser bem sensível o peso da atmosfera que nos envolvia, a prenunciar trovoadas de espanto, a vida decorreu sem incidentes de maior, embora me tenham ficado vincados os realces que a seguir refiro.

Insegurança

As deslocações à Beira eram feitas por avião, e, dentro da área, por helicóptero - após a morte de um administrador e adjunto em Chemba, por emboscada da Frelimo, os funcionários administrativos foram aconselhados a não usar meios de transporte terrestres nas zona de guerra. Isto, aliado a que o "inimigo" era algo invisível e presente em toda a parte e em parte nenhuma, conduzia a uma sensação de insegurança latente e que se colava ao corpo.

Guarda rural

Eram em número de umas centenas e sob a jurisdição imediata da Administração. Originavam problemas diabólicos, designadamente ao nível disciplinar. Mantinham-se nos aldeamentos mais à custa de álcool e salário do que propriamente por " amor à camisola". O ambiente dos aldeamentos também a isso conduzia: ambiente fechado, sempre na pendência dos ataques dos "turras" (com o devido respeito, nestes 20 anos depois). Mas refira-se em,

abono da verdade, que tais guardas lá se mantinham, sem deserções ou alianças perceptíveis com a Frelimo. E o dia a dia não lhes era fácil.

Guerra guarda rural-Frelimo

Movimentando-se a Frelimo com certo à vontade nas zonas do chamado "mato" e encontrando-se os aldeamentos dispersos por esse mato, seria de pressupor que fossem flagelados com frequência pelas forças da Frelimo.

No entanto, foi mansa a guerra entre ambas as forças, espaçadamente ocorrendo permuta de tiros, sem grandes efeitos no tocante a baixas ou posições no terreno. Só me recordo de uma baixa entre a guarda rural, numa ocasião em que seguiam para um aldeamento, em rendição de pessoal.

Vem à baila a captura de um guarda rural pela Frelimo, no sopé da serra, quando o guarda se ausentara do aldeamento. Estou, ainda hoje, a ver o estado em que se apresentou na Administração: golpeado, dos pés à cabeça, mas vivo e de boa saúde.

Segundo relatou, cada golpe, feito com navalha, correspondeu a uma recomendação, culminando com o recado final: agora vai apresentar-te na Administração e conta a toda a gente o que te dissemos.

O médico (militar) que o examinou, ficou maravilhado com a obra e disse: até parece que os golpes foram feitos por um cirurgião; um dos do tórax, ao nível do coração, tê-lo-ia morto se fosse uns 2 cms. mais profundo.

O guarda regressou no mesmo dia ao aldeamento.

Como retrato desta guerra, recordo outro incidente com o chefe da guarda rural (europeu, de nome Neves, salvo erro) de um aldeamento perto de Vila Paiva.

Segundo disse, uma africana com quem vivia ausentou-se da área habitada e, porque demorasse, foi procurá-la, desarmado. Encontrou-a rodeada por 6 elementos da Frelimo que se dispunham a matá-la. Saltou para o meio do grupo e sobre o elemento que pressupôs ser o comandante, já que era o único que empunhava pistola metralhadora (Kalachenicov), estando os outros armados com espingardas não automáticas. Conseguiu tirar a arma ao comandante e apontar-lha. Pensando que ia morrer, o comandante deu um urro desumano e ficou prostrado. Mas a arma não disparou por estar travada, não tendo tido a calma suficiente para a destravar. Todos fugiram, inclusive o guarda.

Apresentou a arma na Administração, todo ufano da façanha e, para, além disso, receber o prémio (o Estado premiava, salvo erro, com 700\$00 cada entrega de pistola metralhadora).

Solicitou o guarda a deslocação ao local de uma força militar.

Colocado o pedido ao comandante militar, este só respondeu e talvez bem: a esta hora? (era ao cair da noite). Não vou sujeitar-me a uma emboscada. Tenho muito medo dessas coisas.

O guarda lá regressou ao aldeamento, num jeep da Administração.

Guerra entre a Frelimo e o Exército Português

Esta guerra era diferente, mais séria e mortífera, embora os casos de morte de que tenha tido conhecimento não fossem além de meia dúzia. Mas ela passava ao lado da Administração e os conhecimentos que tínhamos eram os decorrentes da presença no terreno, ou por conversas com militares.

Era guerra já com aparato, isto quando intervinham forças especiais.

Moçambique - Gorongosa

Recordo, p. ex., as operações feitas pelos paraquedistas e apoiadas pelos helis. Estes estacionavam no campo de futebol, mesmo junto à parte detrás da Administração. Era um ruído ensurdecedor o produzido por aquelas (normalmente) 6 máquinas. Dizia o mecânico Afonso, cuja residência também se situava perto do campo, que as galinhas deixavam de pôr ovos até tempos depois de cada permanência dos helis.

Ao que constava, tais acções incidiam designadamente na zona da serra e muitas vezes eram as mesmas precedidas de bombardeamentos, pouco eficazes pelas características do terreno. Certo dia, o alferes dos GEs dizia-me cabisbaixo e pesaroso: morreram-me hoje 2 GEs nos braços. Ao pretendermos subir a serra, fomos emboscados. Choviam tiros de todos os lados.

Nunca as forças portuguesas conseguiram desalojar a Frelimo da serra. Se pudessem, muito teriam para contar aquelas escarpas, encostas a pique de rocha nua, lindas quedas de água na vertente sul e floresta, ora densa, ora tipo savana, além de numerosas grutas. (A serra serviu depois de "quartel" da Renamo, na sua luta contra a Frelimo).

Acções dos comandos

Aí por Fevereiro/Março de 1974, pela primeira vez, chegam à Gorongosa 2 companhias de comandos, uma de pretos, outra de brancos (Obviamente que a tropa não era agrupada em brancos e pretos, mas existia tropa moçambicana e metropolitana. Daí que muitas unidades, mesmo ao nível de Companhia, fossem constituídas por pretos ou quase, quando provenientes de recrutamento local).

Quando os comandos eram destacados para zonas fora da sua base permanente, dizia-se que vinham "fazer limpeza".

Concluídas as operações, regressavam.

Daquela vez, o objectivo da "limpeza" era a Gorongosa. Só que, como diz o ditado "o homem põe e Deus Dispõe".

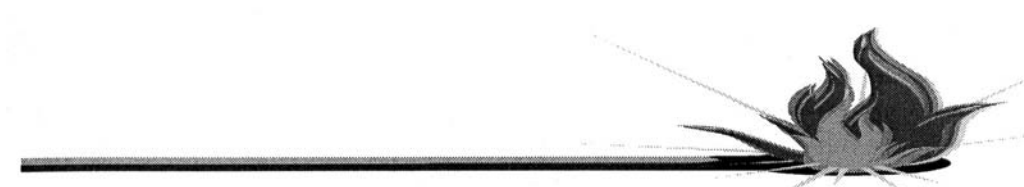
Uma das companhias foi lá para os lados do Canda e nem terá chegado a contactos com a Frelimo. A outra (dos europeus) dirigiu-se para um qualquer objectivo além Cavallo (povoação comercial). Um tiro, vindo do mato, acertou numa das granadas que um soldado transportava presa ao peito. Com a explosão da granada, o corpo do comando voou em pedaços.

Momentos após, chega o Mosca, no seu Land Rover, e pergunta o que se havia passado. Os comandos agradeceram o Mosca, estilhaçando-lhe na cabeça a coroa de uma G3, e isto a pretexto de ele, Mosca, muito bem saber da emboscada (Era quase público que o Mosca, em troca de favores à Frelimo - v.g. farinha de milho - gozava de privilégios únicos, como o de transitar sem ser incomodado. As autoridades sabiam disso, mas como garantir segurança aos camiões que diariamente escoavam para a Beira a produção da fábrica de rações? Estranha guerra).

Disse-me o alferes que os comandava ter tido muita dificuldade em conter os soldados e que, em casos como aquele, a probabilidade de sucesso era de um para cem.

Sorte para o Mosca, a não ser o visível e largo adesivo em que teve a cabeça envolvida por vários dias.

E os comandos não seguiram para o objectivo. Apresentaram um ultimato ao seu comandante: só seguiriam "se matassem tudo o que de vivo encontrassem". A condição não pôde ser aceite e os comandos regressaram a Vila Paiva. Não chegaram a entrar em acção...



AINDA NO PERÍODO SET/73 A ABR/74

Sustos naquele período

Alguém poderá perguntar: mas, então em zona de guerra, não houve um susto nem um perigozinho, para agora contar?

Houve na verdade alguns que sempre recordarei.

Racismo, realidade de fundo

Guerras como a daquela época, e naquelas circunstâncias, têm sempre subjacente um fundo rácico. A ideologia da Frelimo, todos o conhecíamos, não navegava nessas águas. Mas, o que é pensado e escrito no topo é uma coisa, e outra, muito diferente, a que chega ao terreno. Não é novidade que na génese do africano não estão inculcados conceitos como de nacionalidade, nacionalismo, pátria ou patriotismo, conceitos que normalmente servem de motor a promoções de autodeterminação. Os grandes espaços foram sempre o seu mundo, a mobilidade um imperativo: era necessário fugir dos mais fortes, procurar novas terras e novos meios. Não havendo titularidade da terra, nada havia a defender. Tudo se transpunha para o horizonte e para a tribo.

Assim sendo, como alimentar a guerrilha, como motivar a população a aderir e a combater? Não restavam muitas soluções. Houve que lançar mão, **no terreno**, de argumentos acessíveis e de efeitos imediatos: expulsão do branco, distribuição dos seus bens, fim da exploração do preto pelo branco, fim da obrigação de pagar imposto, etc. etc.

E na Gorongosa de então, os homens pretos em armas "limpariam" (para usar o termo dos comandos) os brancos em meia dúzia de horas, dado o seu número muito superior.

Na própria Administração, dentre cerca de 20 pessoas que aí trabalhavam, só 3 eram europeus.

Evidentemente que se acredita sempre na pessoa humana, no seu sentido de equilíbrio, no seu combate e propensão para a justiça. E é por isso que lá se estava e não se fugia.

Mas, em envolvências desta natureza, o branco sente-se inseguro. E uma insegurança permanente e de raiz, que também me tocou, até, e principalmente, pelas funções que desempenhava.

Aterragem de táxi aéreo

A pista de Vila Paiva era de terra batida, de comprimento mínimo certamente, levemente oval, na parte sul, enfim, daquelas improvisações tão caras aos portugueses, com cheiro a bandeirantes, tanto nos de terra, como nos de cima, os pilotos dos pequenos aviões. De regresso da Beira, chovia, a pista estava encharcada. O avião deslizou, não perdia velocidade e todos nós notávamos a aproximação rápida do fim da pista. O piloto travou com tal força, que se soergueu no assento para maior pressão sobre o travão. O avião saiu da pista, em derrapagem, andou lá pelo mato, voltou à pista, fez "pião" e imobilizou-se em sentido contrário ao que circulava. Deus é grande, meus senhores...

Aqui recordo as evacuações de feridos, alguns militares, que era necessário fazer com urgência. Convocava-se meia dúzia de pessoas, corri os seus automóveis, distribuíam-se pelas laterais da pista, de médios acesos, a fim de possibilitar ao piloto a localização da pista. Recordo o velho Guerra (proprietário da empresa dos táxis) que algumas vezes aterrava pouco depois da chamada. E dizia invariavelmente: eu sou como Deus; ando lá por cima e, quando necessário, desço à terra (Isto acontecia quando ele regressava à Beira, vindo de outra qualquer localidade. Avisado, via rádio, alterava o trajecto e aterrava. Disseram-me há anos atrás que este Guerra faleceu na prisão, na Beira, após detenção, pela Frelimo. Se assim foi, triste fado, e que morte tão rasteira, para quem, durante tantos anos, cavalgou os céus de todo o interior-centro de Moçambique. Se os espíritos se libertam, o seu certamente que esvoaça agora pelas serras da Gorongosa e de Morrumbala, e pelas planuras da Chemba e de Marromeu).

"Guerra" entre paraquedistas

Certo dia, estávamos em casa do Administrador Alvarenga Marques. Seriam umas 9 horas da noite.

Começou a ouvir-se tiroteio, sendo nítidas as rajadas de pistola metralhadora, o que significava que os disparos se faziam de local próximo.

Logo irrompe pela sala um guarda (cipaio) que fazia a segurança, visivelmente não só descontrolado, como completamente embriagado, exclamando: já cá estão, já chegaram.

Mandá-mo-lo sair imediatamente (era um impecilho), recolheram as mulheres e crianças a um quarto interior, apagámos as luzes, e eu e o Alvarenga Marques, de G3 em punho e com mil cuidados, colocá-mo-nos na varanda, aguardando e perscrutando a noite.

O tiroteio continuou, com tiros de morteiro agora pelo meio.

Minutos depois (pareceram horas), tudo serenou e fez-se um silêncio de morte.

Notámos que um jeep se aproximava e logo reconhecemos que se tratava da viatura do Ten. Cor. Cavaco, comandante do Batalhão. Veio um alferes avisar que não havia problema algum e que o tiroteio tinha ocorrido por engano: uns paraquedistas embriagados, num bar que havia à entrada da povoação, dispararam para o ar; os colegas do Quartel, julgando tratar-se de ataque da Frelimo, ripostaram ao fogo, inclusive com morteiros e só pararam quando o "inimigo" deixou de espingardear.

Incêndio no paiol

Numa outra ocasião, a paz do povoado foi perturbada por explosões vindas do Quartel. Inquietação geral. Mas logo se restabeleceu a paz, quando o Ten. Cor. Cavaco veio avisar que se tratava de incêndio num paiol. Todo o dia foi um foguetório dos diabos.

Moçambique - Gorongosa

Neste período, portanto, e em termos de incidentes de guerra, directos e pessoais, nada pois aconteceu de grave, até porque os campos estavam bem delimitados: A Administração só controlava os " amadores" da guarda rural; a guerra era essencialmente com o exército; o sistema informativo e de "sapa" com a DGS (Para evitar confusões dividimos o calabouço - parte para a Administração, para recolher os detidos do foro criminal que cumpriam penas, e parte para a DGS e à sua responsabilidade)

A Administração funcionou, assim, como era de tradição: fiel da balança, apoiante e assistente da população, com relevância para casos graves de doença, em que disponibilizávamos meios aéreos de transporte para a Beira.

Tal actuação valeu-nos créditos e, creio, serviu-nos de guarda-chuva na grande trovoadá que Se aproximava.

Moçambique - Gorongosa



25 DE ABRIL/74

Pelas 17 horas de 26 de Abril de 1974, alguém (julgo que foi o Mosca) veio à Administração dar a notícia de que tinha havido uma revolução na "Metrópole" e que a rádio estava a transmitir a respeito.

Fui imediatamente para casa, como se lembram, ali bem próximo, e liguei o transistor.

O acontecimento enchia o rádio, chegava em força, com ligações permanentes a Lisboa. A revolução era dada como triunfante.

Passámos a noite com todos os sentidos colados ao transistor, não perdendo pitada das notícias que chegavam em catadupa.

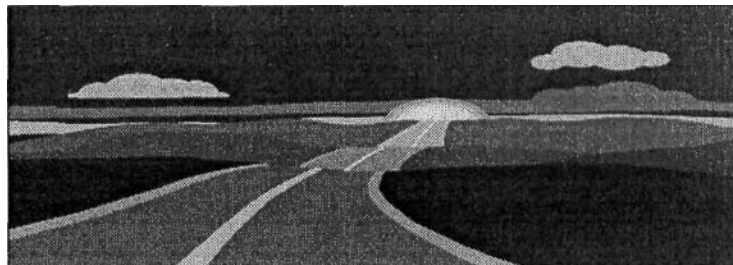
Jamais esquecerei a voz do jornalista Luís Pereira de Sousa, quem, na altura, de Lisboa, noticiava tudo o relativo à revolução.

Exultámos com o 25 de Abril, sem excepções que tenha conhecido.

Todos sentíamos que era necessário agarrar o pulso a Moçambique, vê-lo nos olhos, de dentro para dentro, com dinamismo e oportunidade.

Todos sentíamos, também, que era necessário acabar com a guerra, que se previa sem fim. Era uma guerra amorfa e que não tinha dono. A população europeia, ou europeizada, atribuía a resolução do conflito ao foro militar e revoltava-se contra o que designava por "ineficiência" das forças armadas (Uma revolta deste tipo, meses antes, na Beira, tinha custado o cargo ao Governador Sousa Teles - a população chegou a quebrar os vidros da messe dos oficiais). Por sua vez, as forças armadas, com excepção de alguns corpos especiais, v.g. comandos, não sentiam, por sistema, a guerra como sua, e olhavam para o calendário suspirando pelo dia da desmobilização.

Finalmente, a população africana, situada entre 2 fogos, tentava abrigar-se das balas, independentemente do lado de que provinham. E era esta a que mais sofria, quer vivesse nos aldeamentos, quer vivesse no mato sob o controlo da Frelimo.



PERÍODO PÓS 25 DE ABRIL ATÉ AGOSTO DE 1974

Passada a euforia de revolução, colocava-se a pergunta: e agora?

Não havia respostas e o primeiro mês pós revolução foi de pura expectativa. O povo estava à janela.

Havia sido solicitado à Administração, dias antes de 25 de Abril, a limpeza de uma área contígua ao campo de aviação, para estacionamento de helicópteros que viriam apoiar acções dos paraquedistas e comandos. A vinda dos helis foi sucessivamente adiada, por "motivos técnicos", e cancelada depois.

As chefias militares, com quem mantínhamos contactos, estavam, ou pareciam estar, tão baralhadas como nós.

Houve uma reunião de administradores, na Beira, com o governador do distrito, apenas conclusiva e esclarecedora numa recomendação: não assumam posições de força, porque não terão ninguém que vos apoie.

A poeira da revolução foi, contudo, assentando, e foram ganhando contornos novas figuras e modos de proceder. E logo sentimos o sentido prático da revolução na atitude dos soldados desembarcados na Beira: eufóricos, de cravo no cano das G3, dando vivas à Frelimo, e "abaixo o colonialismo" (Um dos soldados ofereceu um cravo à Sónia)

A atitude dos militares que permaneciam em Moçambique depressa mudou, recusando-se, por sistema, a combater.

A trovoadá envolvera a serra.

A nuvem por Juno

Entretanto, até por acesso a documentos reservados, sabíamos que os comandos militares tinham ordens para manter posições, ser actantes e firmes. Aliás, e isso foi público, após o 25 de Abril, chegaram à Beira meios militares muito importantes, entre eles aviões de combate (Fiat).

E mais uma vez, eu, e muitos outros, acreditámos que o futuro tinha lugar para nós. Pura ilusão e ingenuidade.

Vinte anos depois, pergunto-me como foi possível eu ter acreditado nesse futuro e só encontro uma resposta: o meu baralho estava viciado, não tinha mais do que duques. Tomei, nitidamente, a nuvem por Juno. O Juno, que eu julgava configurado num qualquer general

Moçambique - Gorongosa

Spínola, não passava de simples nuvem. O Juno estava, sim, lá para as estepes russas, rindo de gozo e malvadez, tamborilando noutros pontos do globo, expedindo ordens.

E logo o comando militar se confrontou com um terrível dilema: como ser actuante, se toda a estrutura estava afectada pelos ecos de nem mais um homem para a guerra, nem mais um tiro?

Ser actuante, firme, continuar de pé? Com que meios?

Os episódios que a seguir relato refletem a situação do nosso exército.

Emboscada perto de Vila Paiva

Um pelotão, de regresso da Beira, foi emboscado a uns 10 kms. de Vila Paiva. O Comandante do Batalhão pretendeu organizar uma força para se deslocar ao local. Não o conseguiu, porque os soldados recusaram-se a combater os irmãos da Frelimo. Um dos soldados terá mesmo atirado a G3 ao solo (Episódio não verificado mas que me foi relatado por alguém ligado ao Quartel).

Ataque aos colonialistas

Numa determinada 4^a. feira, à noite, recebo uma comunicação do administrador Alvarenga Marques para me deslocar à Administração. Estava ele com o Comandante do Batalhão, Ten. Cor. Cavaco, ambos com aspecto apreensivo e de preocupação.

Vinha o Ten. Cor. dar a notícia que os seus militares ameaçavam seguir para o aeroporto da Beira, e ali permanecerem até que os transportassem para Lisboa, e ameaçavam mais: antes de saírem de Vila Paiva, que atacariam a casa do administrador, do adjunto (minha) e do Mosca, na qualidade de expoentes locais do colonialismo.

Acontecia, por outro lado, que os GEs (acampados à saída da povoação), sabedores da notícia, fizeram, por sua vez, saber que barrariam o caminho aos militares e que, por ali "a tropa não passaria".

Perspectivava-se, assim, segundo o Ten. Cor. , uma guerra local entre unidades africanas e metropolitanas.

O objectivo das informação, disse, era no sentido de tomarmos as providências que entendêssemos, inclusive quanto à evacuação das nossas famílias para a Beira, uma vez que, a concretizar-se a ameaça, não restariam forças para garantir a nossa segurança.

Ponderámos a questão, o administrador e eu, e resolvemos aguardar pelos acontecimentos, para não provocar o pânico, na certeza, ou expectativa, de que a revolta não seria tão rápida que não nos permitisse tomar cautelas, até porque contávamos sempre com as informações do Ten. Cor., pessoa sempre razoável, ponderada e de trato agradável.

O Ten. Cor. transportava uma pasta, dentro da qual, disse, guardava uma pistola "para não ir sozinho".

Nada aconteceu. Soubemos, por outras fontes, que os GEs estavam "em pé de guerra" e com dispositivo montado para impedir o trânsito do Batalhão (Tratava-se só de uma Companhia e pessoal adstrito ao comando, já que as restantes companhias estavam dispersas pela região).

Acção pelos comandos

Pelas 9 horas de um dia de Maio/junho de 74, ao dirigir-me para a Administração, verifico, com espanto, que a povoação estava ocupada pelos comandos. Posicionavam-se em tudo quanto era caminho ou rua, designadamente nos cruzamentos, em atitude de alerta e de armas aperradas.

Chego à Administração e tão surpreso como eu estava toda a gente, desde guardas, pessoal das obras e da secretaria.

Uma meia hora depois, chega o Ten. Cor. Cavaco (sempre ele) e, no gabinete do administrador, relata:

- Tenham calma que a situação está controlada; desde há uns dias, durante a noite (nós tínhamos disso conhecimento), alguém afixava, na parada, cartazes, do tipo "Viva a Frelimo", "Abaixo o colonialismo", "Não queremos combater", cartazes com que o comando deparava pela manhã, sem lhe ter sido possível saber quem os colocara; comuniquéi o facto, e hoje, de madrugada, uma companhia de comandos "tomou" o Quartel; entraram nas casernas e forçaram os soldados a formar na parada, com a roupa (ou sem ela) com que dormiam.

Soubemos depois que alguns elementos da companhia foram transferidos para unidades do Norte.

Despedida com honra?

As forças militares costumavam patrulhar uma zona isolada e de floresta, a sudoeste de Vila Paiva. O Quartel começou a receber missivas da Frelimo, ou em seu nome, do tipo "Venham cá", "Vocês são uns cobardes".

O Ten. Cor. ressentiu-se (brio nunca lhe faltou) e conseguiu uma força disposta a ir ao local. Terá pensado, e bem, que a altura não era de heroísmo, nem de grandes sacrifícios, e tentou obter, para a operação, o apoio de meios aéreos. Depois de muito instar, teve esses meios (aviões Fiat sediados na Beira), mas com uma condição: os aviões só sobrevoariam o local, e não atacariam, sob pretexto algum.

A operação fez-se, com a aviação a sobrevoar, e a tropa não viu viva alma. Foi uma vitória, para a época... e a última operação, que me conste, do Exército Português, em terras da Gorongosa.

Indisciplina dos comandos

Entretanto, uma companhia de comandos, aquartelada junto da pista de aviação, porque não havia ordens de acção ("Não somos tropa para estar parada", diziam), revolucionaram Vila Paiva ao praticarem toda a espécie de descatos. As queixas choveram na Administração, o que levou o administrador Alvarenga Marques a expô-las a um Ten. Cor. já de idade, com aspecto de duro, que terá dito: "Esses gajos são todos uns filhos da, mas não há tropa melhor do que eles. Eu não vou fazer nada".

E a Frelimo?

Em toda esta confusão e baixar de braços, a Frelimo pareceu-me em situação de stand by. Diminuiu o número de intervenções, mas não deixou esquecer que estava lá.

Moçambique - Gorongosa

Raptou, p. ex., um grupo de trabalhadores do Jaime Guedes, numa das frentes de trabalho lá para o Canda, em que se incluía um capataz europeu. Os africanos foram sendo libertados, mas o europeu não mais apareceu. Os comandos, nessa altura ainda em Vila Paiva, seguiram a pista do raptado por um maço de cigarros vazio e restos de roupa, mas não o encontraram.

Insistimos(mais tarde e após terem sido estabelecidos contactos com a Frelimo) com o comandante Cara Alegre, pelo paradeiro do capataz. Sempre negou que o rapto tivesse sido da autoria da Frelimo. Perante informações concretas provenientes de um empregado do Jaime Guedes, segundo as quais o capataz havia sido morto por elementos da Frelimo, com uma rajada de pistola metralhadora e depois, ainda, queimado ("estes brancos às vezes tornam a viver, é melhor arranjar lenha e queimá-lo", teriam dito os intervenientes), o Cara Alegre não negou, apenas disse e textualmente:" eu ainda não domino todos os grupos da Frelimo".

E sempre me causou alguma estranheza a Frelimo não ter, nesta altura, intensificado as suas acções, já que, presumo, não teria opositores. Se a Frelimo constituísse um "bando de terroristas" teriam sangue até faltar. Não haveria estrutura que, de imediato, lhe fizesse frente.

Contactos informais com a Frelimo

Iniciam-se, entretanto, os primeiros contactos com a Frelimo. A Administração tinha conhecimento que elementos seus se tinham aproximado da povoação e que, numa das vezes, tinham contactado os 1º. oficiais Bata e Mahoze (posteriormente estes funcionários, africanos e meus colegas, foram nomeados administradores).

O primeiro contacto com o administrador Alvarenga Marques, surge a promoção do Mosca, que se assumiu de "embaixador", dada a relação anterior com a Frelimo.

Ocorreu o encontro nas instalações do Mosca, em Vila Paiva, frente a umas galinhas à cafreal.

O comandante Cara Alegre, com um grupo de homens, havia chegado numa viatura cedida pelo Mosca. Os guerrilheiros denotavam surpresa e desconfiança. Montaram a sua segurança, sempre atentos a tudo e a todos.

Falou-se na inutilidade da guerra e na certeza da paz, já instituída no terreno, como demonstrava aquele encontro. Prometeu-se colaboração mútua e futuros encontros.

O que mais nos impressionou, neste primeiro contacto, foi a atitude da população africana residente em Vila Paiva: curiosidade, certa alegria, mas nada de euforismos ou aclamações, como seria de esperar.

Uma primeira, e depois confirmada, convicção se me radicou: A Frelimo não tinha a implantação local que muitos de nós presumíamos.

Com fundamento no aspecto rácico a que atrás me referi, muitos de nós (e eu também) sempre acreditámos que a Frelimo estaria infiltrada nas estruturas do poder, designadamente no sector administrativo. Puro engano.

A partir deste encontro, a Frelimo começou a mostrar-se e a conversar.

Encontro formal

Estabelecidos já os canais de ligação, acordou-se num encontro mais formal, porque teria a presença do Ten. Cor. Cavaco, comandante do Batalhão.

Realizou-se por detrás da Administração, junto do campo de futebol. Sob as mangueiras, foi colocada uma mesa e cadeiras para os *vips*.

Representou a Frelimo o comandante João, rapazinho de uns 18 anos, em cujo semblante transparecia muita ingenuidade.

Deste encontro, recordo, com nitidez: o desassossego demonstrado pelo comandante João, ao ver-se rodeado de tanta tropa portuguesa que, desarmada, tinha vindo assistir e a curiosidade demonstrada pelos soldados portugueses. O comandante da Frelimo que, como os seus homens (cerca de uma dezena) compareceu armado, apertava a kalach entre as pernas, onde a colocara, olhando em redor, visivelmente amedrontado e os soldados portugueses com a pergunta estampada no rosto: foram estes que nos venceram?

A partir daqui, a Frelimo movimentou-se às claras, em viaturas cedidas, normalmente, pela Administração. As acções na área, de um e de outro lado, findaram, o que todavia não aconteceu noutras zonas.

Recordo, p. ex., uma sabotagem efectuada na linha férrea Dondo-Inhaminga, a propósito do que o mecânico da Administração, Afonso, disse ao Cara Alegre: porquê a sabotagem? Estamos todos em paz, somos amigos! Resposta do Cara Alegre: é para vocês andarem mais depressa; estamos a ver tudo muito parado. Todos se calaram, inclusive o Ten. Cor. Cavaco, também presente.

A trovoada continua...

Estaríamos em Junho/Julho de 74.

O processo de mudança começa a desenvolver-se com alguma rapidez: a população europeia debanda; o exército português gradualmente retira, de noite e sem alardes.

Em Vila Paiva fica apenas uma companhia, baseada nas antigas instalações da DGS.

A guarda rural é desmobilizada.

A Frelimo ocupa as instalações antes sede do Batalhão.

Os agentes da DGS, que após o 25 de Abril haviam sido agregados aos serviços de informação militares, são depois detidos e encarcerados (Fugirão da cadeia da Beira, para a Rodésia).

Segue-se um período de instabilidade e de transição de poderes.

A Frelimo inicia a realização de "banjas", com participação de elementos locais. De regresso de uma dessas banjas/comícios, vejo chegar o Mosca de tronco nú.

- O que fez à camisa? - pergunto-lhe.

-Dei-a, - respondeu.

A Frelimo lança os grupos dinamizadores, verdadeira sede do poder político.

A Administração, cujas estruturas se mantinham intactas, ia vivendo do prestígio do passado, a tudo assistindo, sem hostilização visível, pelo menos.

A debandada da população europeia continuava e a onda levou o administrador Alvarenga Marques, que terá tido notícias que não lhe agradaram, segredadas pelo Dr. William Pott que integrava o grupo das conversações de Lusaca.

Moçambique - Gorongosa

A ida do administrador Alvarenga Marques deixa-me como encarregado da Administração, dado que os adjuntos eram os substitutos legais dos administradores.

Marcava o calendário: 15 de Agosto de 1974



PERÍODO DE AGOSTO/74 A MARÇO/75

Ir ou ficar?

Ao iniciar as novas funções de encarregado da Administração, novamente coloquei aquela pergunta, mostra e difícil: que devo fazer? Ir embora como muitos outros? Ficar? Que acontecerá, indo ou ficando?

A minha opção tinha sido sempre por Moçambique. A grandeza sempre me maravilhou e seduziu. Na minha índole, esteve sempre subjacente um sentido de realizar, de dar passadas. Os anos tinham corrido tão rápidos como os Land Rover(s) que sempre conduzi. E numa terra como Moçambique, pareceu-me que eu, e todos, tínhamos lugar. Resolvi ficar (Nunca tomei estas resoluções à vossa revelia, mas sempre tentei não levar até vós muitas das incertezas que me assistiam).

Ainda hoje tenho presente a sensação de desconforto que me assaltou no dia anterior ao de cuja noite eu sabia que o resto da tropa portuguesa seguia para a Beira. Ia-se o último elo de ligação ao "status" anterior; ia-se a única força (se é que o era) de uma nação que era a minha.

Mas, no dia seguinte, o sol voltou a brilhar, a Frelimo ocupou as instalações e a vida continuou.

Nova Frelimo

Com a implantação efectiva da Frelimo, ficou ela a constituir a única força no terreno. Baralhada, confusa, sem preparação para tarefas de gestão, actuando sempre à base da força e da arbitrariedade - não havia lei escrita e, mesmo que houvesse, a maioria não a saberia ler, nem, pois, aplicar.

Grupos dinamizadores

Promovidos pela Frelimo, ficaram deslumbrados com aquilo que lhes diziam ser a sua competência e poderes. Desdobravam-se em reuniões, sempre com elementos da Frelimo como mentores. Infiltrados de oportunistas, julgavam-se os senhores do mundo.

Neste item, recordo o Sebastião, escriturário da Administração, de cariz um tanto relapso, que me narrou uma cena ocorrida pouco antes de 25 de Abril: ao encontrar-se na machamba (perto de Vila Paiva), foi abordado, de surpresa, por elementos da Frelimo; perguntaram-lhe se o administrador e o adjunto eram "bons", pois que poderiam matá-los se fosse necessário;

Moçambique - Gorongosa

só não tinham ainda apanhado o filho do adjunto (o José Manuel) por não quererem, já que o viam por diversas vezes, de bicicleta, na estrada do campo de aviação; acordaram em o visitar na sua casa (a uns 30 metros da nossa, como se recordam), o que aconteceu por algumas vezes, mediante o sinal prévio de atirar uma pedra para o telhado (era de zinco).

O Sebastião era um dos "relatores" das reuniões e espectáculos que a Frelimo promovia, na qualidade de integrante de um dos grupos dinamizadores. Fui ao primeiro, espécie de teatro, em que a tropa portuguesa era ridicularizada (alguém fazia um ruído intenso, quando os que figuravam a tropa portuguesa fugiam e gritavam de medo). Saí e "mestre" Sebastião, que um pouco distante tudo anotava, comenta: "isto não é para si, sr. adjunto. Faz bem em ir-se embora".

Na altura, a Beira estava pejada de cartazes mostrando o Samora, numa trincheira, a abater aviões portugueses, com ... uma pistola.

Cartazes e representações no género, de um dia para o outro, foram retirados de cena. Ordem nesse sentido, sem dúvida.

Mas o Sebastião, meses depois, terá iniciado um processo de reversão política, por a Frelimo o pressionar a deixar uma mulher (tinha duas). E, na Administração, disse bem alto: "desta vez é que eu vou parar à cadeia, porque não vou fazer o que eles querem". Era necessário, acreditem, alguma coragem para a ocasião...

Administração

Sobrevivia à custa do prestígio do passado e, desse modo, com um pé no antes e outro tateando o depois. Subalternizada pelo novo regime político, era no entanto a única organização com estrutura e detentora de meios de trabalho importantes para a época. Tais meios tornaram-na o ponto central de toda a actividade que não fosse meramente política.

População

A africana regressou aos milhares da floresta, esfarrapada e esfomeada e estava ocupando as terras de antes da guerra. Os aldeamentos desfizeram-se de um dia para o outro.

A europeia, com excepção da de Vila Paiva que foi ficando, retirou quase toda para a Beira, com receio de represálias, ou distúrbios.

Relacionamento com a Frelimo

Não me foi muito difícil trabalhar com a Frelimo, consequência, entre o mais, do relacionamento anterior e desde o primeiro contacto. Recordam-se dos almoços, lá em casa, ao comandante Cara Alegre e outros. De início, e mesmo à mesa, de kalache entre as pernas e com a casa rodeada de homens armados. E bebida só água ou refrigerante. Depois, já à vontade, sem segurança, nem kalache. Bebida whisky simples, que passou a duplo. Não ocorreram, assim, abusos de maior, nem se verificaram retaliações, ou outros actos que toda a gente temia.

Mas Moçambique, tal como o conhecíamos, ia-se desmoronando: a população europeia continuava a debandar; as greves corroeram a pouca saúde económica da Nação; começou a notar-se carência de bens de primeira necessidade, pela interrupção dos circuitos abastecedores ou pela já inexistência de técnicos.

Moçambique - Gorongosa

Creio que foi por esta altura que Moçambique foi visitado pelo major Costa Gomes, na intenção de serenar os ânimos. Recordo-me de uma sua entrevista, em que afirmava que o futuro de Moçambique seria aquele que os moçambicanos decidissem em eleições, sem armas no terreno. Pergunta do jornalista: E a Frelimo vai depor as armas? Resposta do major: a Frelimo vai guardar as armas na arrecadação. Nova pergunta: e se a Frelimo não guardar as armas? Sentença: nesse caso, obrigá-la-emos a fazê-lo. (Foi assim mesmo, comento eu).

Por precaução, resolvi pedir licença graciosa, para "gozar fora de Moçambique e sem dispêndio para a Fazenda Nacional". Concedida que foi, serviria para uma fuga legal.

Não obstante, é importante que se diga que, neste período, o processo moçambicano não decorreu de forma tão gravosa como seria de esperar. A situação anterior foi profundamente alterada, mas o que restou oferecia, ainda, algumas garantias para o futuro.

Os comandantes da Frelimo ocupavam agora as instalações (muito boas) de que se tinham servido os oficiais do exército português, como as suas viaturas e honras. Os cargos de realce - governadores de distrito, comissários de polícia, presidentes de câmara, administradores, etc - eram ocupados por pessoal da Frelimo, ou por si nomeados. Este bem estar e vida regalada produziu um amolecimento e um aconchego de posições de que resultou certa serenidade.

Mas, atenção, isto só perdurou até à vinda do estado-maior da Frelimo (Samora e séquito), quando a trovoadas ribombou de novo, com redobrada intensidade e efeitos. Lá iremos.



OCORRÊNCIAS DE REALCE, NESTE PERÍODO

Deslumbramento das elites

Depressa se notou o aparecimento de uma elite (vasta), arrotando poder e sabedoria. Desdobravam-se em reuniões, comissões e visitas, tudo em nome do povo, agora soberano.

Pregava um ex-agente da Polícia Judiciária da Beira: de futuro, não será necessária a polícia, porque o povo se fiscaliza a si próprio; a polícia é um meio de que os governos capitalistas se servem para dominar o povo e praticar a exploração e injustiça; instituído o governo do povo, a polícia deixa de ter sentido.

Dizia, por sua vez, um outro iluminado: temos que assegurar passagem para o Maringué durante todo o ano; o povo vencerá o rio, como venceu a tropa portuguesa.

- Como é que o povo vai fazer a ponte? - atreveu-se alguém a perguntar.

- Quando o povo quer faz tudo - respondeu o deus do seu trono.

Abastecimento de milho

As populações regressaram do mato sem meios de subsistência e nem sequer tinham sementes para a campanha agrícola. A ninguém interessou tão momentosa dificuldade. A Administração (pelo pé que ainda tinha no passado) teve que tomar providências. Contactei o Grémio de Vila Pery, que se comprometeu a importar da Rodésia, salvo erro 300 toneladas de milho para semente, suportando o custo da importação, mas sendo reembolsado de todo o milho aquando das colheitas.

Recordo hoje este episódio pelo cuidado que tive em, previamente e por escrito (Ordem de Serviço), delinear todo o percurso do milho: como transitaria (Guias), quem receberia e em que locais. É que os tempos eram difíceis e qualquer desvio do milho poder-me-ia ser atribuído.

De um dos armazéns desapareceu não sei quanto de milho. Saiu ordem de serviço, determinando a um dos oficiais administrativos para inquirir. Ele nada fez, porque todos sabíamos que o milho tinha sido desviado por soldados da Frelimo, e esses eram intocáveis.

Com o auxílio e assistência da Frelimo, distribuiu-se uma lata a cada agricultor. Na região do Cavalo, de implantação da Frelimo antes de 25 de Abril, a população lamentava-se e exclamava para os soldados: "Então o que vocês nos prometeram é só isto?" (Aquando das colheitas fiz ver ao administrador Cumbane que eu havia ficado responsável pelo reembolso do milho. Resposta: não se incomode; o Grémio vai ser nacionalizado. Foi-o, na verdade, pouco tempo depois, e o responsável fugiu para a Rodésia).

Fuga do mecânico da Administração

O mecânico Afonso (ex-taxista em Lisboa) tinha tudo menos medo. Caçou durante toda a guerra, como se não existisse Frelimo na área. Se alguém o convidasse para uma qualquer deslocação, era o primeiro a saltar para o jeep e, nesta sequência, acompanhou agentes da DGS nas deslocações destes pela área.

A Frelimo terá averiguado as suas ligações à DGS. Conhecedor disso, o intrépido Afonso fuge para Vila Pery e dali para Untáli (Rodésia) em táxi aéreo de um seu conhecido. Foi uma "baixa" muito importante na logística da Administração.

Visitas oficiais (Governo de Transição)

Oficialmente e neste período, a Gorongosa foi visitada por:

.Primeiro-Ministro Joaquim Chissano - Fui esperá-lo ao campo de aviação, como era de norma. Mostrei-lhe a povoação e expus-lhe as dificuldades do momento, designadamente ao nível alimentar. Convide-o a entrar em casa, onde estava preparada uma refeição ligeira. Não aceitou. Foi, no entanto, e sempre, muito cortês, pouco falando. Deu-me mais atenção do que às restantes estruturas.

. Ministros das Obras Públicas e da Educação, Alcântara Santos e Graça Simbine - Não me prestaram grande atenção. Visitaram a povoação e, face ao edifício do calabouço, a Graça Simbine solicitou ao Alcântara Santos um projecto para o transformar em escola. O Alcântara Santos chamou o Braizinha (encarregado das obras do Jaime Guedes), a quem disse para fazer o respectivo projecto. Após a visita, diz-me o Braizinha: não faço nada; o calabouço ainda vai ser pequeno. E foi...

Ao tomarem o helicóptero, na saída, a Graça Simbine disse que tinha sede. Convidei-a a entrar em casa, ali perto. Recusou. Alguém lhe trouxe uma garrafa de água.

. Governador do distrito, Tomé Eduardo - Diversas visitas. Na primeira, chegou acompanhado de numerosa comitiva, em viaturas Volvo, novas, oferecidas pela Suécia. Para

Moçambique - Gorongosa

falar às "massas" subiu para o Land Rover da Administração e empoleirou-se no tecto da cabina, amolgando-o. Frase que recordo: "os colonialistas só não levaram a serra da Gorongosa (e apontava a serra que se via ao longe) porque não coube nas malas". Foi a única frase que mereceu aplausos.

Comum a todas estas visitas e algo estranho para mim: pouca assistência e pouco entusiasmo.

Sete de Setembro

Como fogo, surgiu a notícia de um movimento anti-Frelimo em Lourenço Marques. A rádio, habituada a revoluções, só disso se ocupava, lançando para o ar a "Vila Morena" e transmitindo apelos, do tipo: o alferes F. pede aos homens que ele comandou em ... para comparecerem no sítio ..., para combater a Frelimo.

O Braizinha contacta-me na Administração e convida-me a aderir à revolução.

- Não pense nisso. Se a tropa não venceu a Frelimo, vencê-mo-la nós agora? - respondi-lhe.

O 7 de Setembro, que em Lourenço Marques fez correr tanto sangue, ao que consta, na Gorongosa limitou-se ao noticiário do Rádio Clube.

Delegação da ONU

Com o objectivo de conhecer as carências locais em alimentação, bate-me à porta uma delegação da ONU, integrada por um *top* da Frelimo (muito apreciou ele um bacalhau no forno servido ao almoço).

E vinha também um padre espanhol (não recordo o nome), que logo reconheci, como ele a mim, embora ambos tenhamos procedido como se nos víssemos pela primeira vez. Conhecia-mo-nos de Vila Machado pelo facto de ter ele feito uma homília, em determinado Domingo de 1969/70, que escandalizou a assistência. Na qualidade de administrador do posto, solicitei-lhe que confirmasse determinadas afirmações que se lhe atribuíam. Só respondeu: já sabia que isso ia causar celeuma; tive o cuidado de escrever a homília e de a mostrar ao Bispo; tenho ali o escrito, mas não lho mostro. Sobre ocorrências no género, elaborávamos, nessa altura, um chamado "Boletim de Informação", distribuído por diversos canais. Citei a ocorrência e as frases escaldantes como "Turras são os portugueses e não os da Frelimo". Aquele padre, e outros, foi expulso de Moçambique, pelos anos de 71, facto muito badalado na época.

Após a visita da Delegação, contacta-me o Mosca e relata: o padre espanhol disse à Frelimo que o sr. (eu) foi um dos responsáveis pela expulsão dele, há nos; a Frelimo vai mandar alguém aqui à área em recolha de informações a seu respeito; vou controlar os acontecimentos e, se a averiguação for negativa, dir-lho-ei e então será melhor fugir. Uma semana depois, serena-me o Mosca: já concluíram a investigação; nada apuraram em seu desfavor; esteja descansado que não há problema.

Rusga no acampamento do Jaime Guedes

Certo dia, de madrugada, sou acordado pelo comandante João, da Frelimo, que me convoca, como representante do Governo, a tomar parte numa rusga ao acampamento do Jaime Guedes, onde suspeitava que havia armamento escondido. Disse já ter cercado toda a parte residencial e que só estava à minha espera.

Foi-me muito difícil, de imediato, tomar uma resolução: indo, ser-me-ia extremamente penoso (além de ilegal, o que, nessa altura, tinha pouco significado) entrar em casa de

Moçambique - Gorongosa

peessoas que eu conhecia desde há anos e assistir à "delicadeza" da tropa da Frelimo a fazer a revista, a tudo revirar, sem qualquer pejo ou decoro; recusando, sujeitar-me-ia aos imponderáveis do comportamento da Frelimo.

Disse ao comandante: só agora me convoca? Porquê? Teve receio que eu avisasse alguém da firma? Não teve confiança em mim? Se sabe em que sítio estão as armas, eu vou consigo, mas só aí e só nós. Se só suspeita da existência das armas e pretende fazer uma rusga geral, eu não o acompanho.

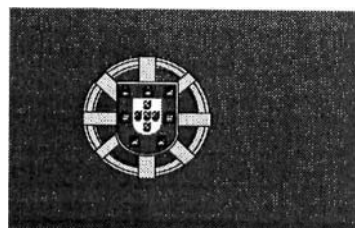
O comandante ficou algo surpreso, mas logo respondeu: Está bem; mas eu tenho de comunicar a sua recusa e não sei o que lhe vai acontecer.

A Frelimo fez a rusga e só encontrou uns gramas de suruma, de posse de um empregado ainda novo e que, com receio, logo após, fugiu para a Rodésia.

Dias depois, sou contactado por um elemento da Frelimo vindo de Lourenço Marques, pessoa cordata e que me pareceu qualificada, a quem relatei o que acontecera.

"Não há problema, esteja descansado", disse. Respirei de alívio. Na época era tudo muito volúvel.

Entretanto, é nomeado, pela Frelimo, um administrador para a Gorongosa e novo período se inicia.



PERÍODO DE MARÇO DE 1975 ATÉ À INDEPENDÊNCIA FORMAL DE MOÇAMBIQUE

Pela manhã de um dia de Março de 1975, chega o administrador João Cumbane, nomeado pelo novo regime.

Cedo revelou aspectos e atitudes de verdadeiro administrador "colonial". À boa maneira antiga, reequipou a residência e duplicou a verba para despesas de representação. Era extremamente cioso dos meios da Administração e deixou de fornecer transporte até para evacuação de doentes para a Beira, ou do interior do concelho para o hospital de Vila Paiva. Considerava que o indivíduo não tem expressão e só a colectividade interessava. Não se fazia deslocar uma viatura para transportar *um* doente, mas sim, e só, se a *comunidade* estivesse doente (numa das muitas reuniões a que o administrador comparecia, pedi-lhe para confirmar aquele critério. Disse que foi confirmado até pelo governador do distrito). Os grupos dinamizadores começaram a olhar o Cumbane de soslaio (ele tinha tudo, desde vencimento, a casa e viaturas, eles nada recebiam proveniente do Estado). A população, habituada às facilidades concedidas pela Administração, foi-se afastando. Nem sequer distribuiu um lote de leite em pó, doado, recebido pouco antes da sua chegada.

Mantivemos, contudo, uma relação aberta e nunca senti hostilidade da sua parte.

A Administração elaborava uns relatórios. Devolveu-me o primeiro que lhe apresentei, todo alterado. Espanto meu, mas logo verifiquei a justificação: pretendia o emprego amiudado de

palavras como "massas populares", "agricultores e camponeses", "poder popular", etc.
Desculpei-o...

A única alteração política que introduziu foi uma maior participação nos comícios, de que eu sempre me abstive.

Símbolos portugueses

A Administração tinha ordens escritas para, antes da independência, retirar os símbolos portugueses, que deviam ser guardados em armazém e não destruídos.

O administrador Cumbane nunca prestou atenção a isso, e tempos antes da independência ausentou-se para mais uma reunião.

Vi-me na necessidade de ser eu próprio a mandar retirar um grande escudo, em alvenaria, que ornava, como era usual, a fachada da Administração.

Incumbi da tarefa o pedreiro da Administração, de nome José, salvo erro, a quem disse para retirar o escudo, sem o danificar, e guardá-lo no armazém.

O pedreiro martelou uma manhã inteira e vem dizer: não consigo retirar o escudo; foi incrustado na parede; só retirando parte da parede, abrindo, portanto, um grande rombo na fachada.

Então, tens que o partir, teve que ser a resposta.

Não sei se interpretei correctamente a atitude do pedreiro, mas iria jurar que, também a ele, lhe doeu "picar" a parede, assim destruindo o escudo.

Num pequeno jardim, defronte do edifício da Administração, havia um pequeno cruzeiro. Entendi não ser vestígio a "abater". Lá ficou.

Preparativos para a cerimónia da independência

Iniciaram-se um mês antes, sob a batuta do Cumbane e grupos dinamizadores. Dada primazia a canções, mas de tipo revolucionário - que exaspero mostrou o Cumbane a uma activista que estava ensaiando a canção portuguesa "limão, meu limão"!

Distribuíram-se tarefas, em reuniões infindas. Atribuíram-me a "pasta" do protocolo, no âmbito da qual nada foi necessário fazer...

Cerimónia da independência

Chegou o grande dia: 25 de Junho de 1975.

Havia instruções escritas para a bandeira portuguesa ser arreada, depressa, mas sem puxões violentos, após o que deveria ser entregue a um cidadão português que estivesse presente.

Realizou-se a cerimónia no campo de futebol, por detrás da Administração. Numa das laterais do campo, construíra-se uma tribuna, em que tomaram assento as autoridades e pessoas gradas. A restante população, duas ou três centenas, foi, pela Frelimo, mandada sentar no chão. A Frelimo rodeou o campo de tropa e revistou toda a gente que vinha assistir.

À meia noite menos uns minutos, um soldado da Frelimo arreou a bandeira portuguesa, depressa, mas sem violência, dobrou a bandeira, colocou-a numa bandeja previamente preparada, e veio entregar-ma. Não ocorreram manifestações de qualquer índole e a população que estava sentada, no campo, não se levantou.

Moçambique - Gorongosa

Logo após, a população foi mandada levantar. Um soldado da Frelimo, lentamente, hasteou a bandeira de Moçambique. A população bateu palmas, e houve vivas a Moçambique, que acompanhei com todo o gosto e vigor.

O ambiente aqueceria, certamente, logo após, no batuque comemorativo, organizado numa área coberta, contígua às oficinas da Administração, com carne de caça abatida ali na reserva e cerveja laurentina.

Eis-me agora como contratado (despido da minha autoridade "colonial" de vinte anos), em prestação de serviço, para o Governo de Moçambique.

Reflectindo...

Olhando em redor, em que a única realidade palpável era a kalache, alguma frustração e revolta me assaltou.

Frustração por ver desmoronada uma estrutura com muito de bom e de reutilizável (a história o julgará e lhe fará justiça, tenho a certeza).

Revolta contra os senhores do antes, por cuja verdade se morreu; revolta, muito maior, contra os senhores do agora, que se limitaram a importar umas tantas máximas tipo pronto a vestir. Será que vão exigir também a vida daquela população ali há pouco sentada e que só se lavantou porque a mandaram? Não será evidente que só se verificará uma permuta de senhores? E como uma desvantagem: os senhores do agora serão incapazes de ter compaixão; uns, os soldados, porque estão ainda com o dedo no gatilho e a vitória é deles; os outros, porque estão sequiosos de tudo, com fome de séculos, dispostos a tudo devorar; atribuam o vitória ao povo, mas as honras, essas, embolsam-nas em bornais sem fundo.

As elites ali presentes (como quase todas as pós-coloniais) são profundamente incultas. Despiram-se dos valores tradicionais, bem demarcados e com meios de defesa e de implantação social, substituindo-os por valores europeus. Mas esta substituição só se deu no imediato, no visível: assumem o modo de vestir, de comer, o ter automóvel, casa e, principalmente, bebida importada; mas ignoram o trabalho porfiado, a ética e eficiência profissional, a estruturação de serviços de saúde, educação, assistência, etc.

Pobre Gorongosa! Os teus destinos foram sempre decididos lá fora. Pelos valores deles recebeste impactos de G3 e de kalache, integraram-te onde tu, de tão grande, não cabias. E, quando te encontravas em pleno, natural e irreversível processo de emancipação, embrulharam-te agora numa doutrina que não é a tua, que nada te diz. Que endereço vão pôr na encomenda?

Felicidades, minha jovem! Tens, a teu favor, a infinidade do tempo. Mas o horizonte das tuas gentes, esse, tem aquela bruma que, em muitos dias, envolve a tua serra..

PERÍODO INDEPENDÊNCIA-TRANSFERÊNCIA PARA A BEIRA

Após a independência, o dia a dia de Moçambique foi-se alterando profundamente, com reflexos obviamente na Gorongosa.

A trovoadas ribombou de novo, como que num último estertor.

A Frelimo, antes uma força de sabor local, permeável a influências de outras estruturas, endurece progressivamente a sua actuação.

Os grupos dinamizadores são reformulados, autoridades destituídas, o medo instalou-se, até entre muita da população africana. Na nomeação dos novos senhores, é atendível a um único requisito: confiança política. Os poucos quadros (termo de hoje) que restavam são ignorados.

As populações começam a ser pressionadas e coagidas a alterar modos de vida de sempre. Reagem pela negativa e nisso são peritas: dizem que sim, mas nada fazem...E aqui e além, despontam atitudes de revolta, ténues, mas significativas, tanto mais que se vivia ainda na manhã da vitória.

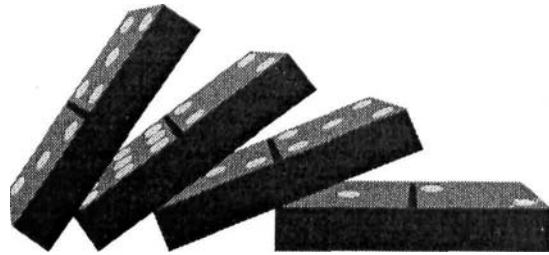
A população europeia, perante o arbítrio das autoridades, a inexistência de lei ou de regras pré-conhecidas, e a insegurança que se colava à pele, procura "sacar" tudo o que é possível, servindo-se de todos os ardis possíveis e imaginários : corrupção, fuga, desvios, chantagem, etc. etc.

Este "saque", adicionado ao que se verificara no período de transição, "depenou" Moçambique. E este "depenar" não se circunscreveu só a bens patrimoniais, abrangeu um outro campo bem mais importante: pessoal qualificado, desde enfermeiros a médicos, mestres de obras a engenheiros, comerciantes a armazenistas, pequenos a grandes empresários. Os elos que sustinham a cadeia da estrutura vigente quebraram-se, com consequências devastadoras: a qualidade de vida desceu ao mínimo.

A Frelimo ripostava com endurecimento de comportamento. As elites africanas, não contempladas pelas honras da nova orgânica, embora não abertamente (a kalache dá não sei quantos tiros por segundo) fecharam-se, em início de hibernização.

Rescisão do meu contrato

Tudo visto, por requerimento de 2 de Janeiro de 1976, dirigido ao "Camarada Ministro do Interior da República Popular de Moçambique" participei que pretendia o termo antecipado do contrato de prestação de serviços para o dia 2 de Julho de 1976, constituindo tal participação o pré-aviso de 6 meses previsto no próprio contrato.



FACTOS CARACTERIZADORES DESTE PERÍODO (Independência-transferência para a Beira)

Colectivismo e colectivização

Dá-se início, na região, às machambas colectivas: substituição da propriedade individual pela colectiva.

Tudo correu bem, enquanto as máquinas da Administração se conservaram operacionais. Era, na verdade, entusiasmante, olhar um daqueles tractores de lagartas desbravando floresta, em preparação do terreno para as sementeiras. Não faltaram pretendentes e numa das machambas eram tantos os cooperantes que a área preparada correspondia a 10 m² por cada, uma ridicularia, portanto. O Cumbane ficou muito admirado quando lhe fiz notar que isso nada representava. Só daria para morrer de fome.

Mas as máquinas foram avariando e sendo postas de lado: o mercado abastecedor de peças (Beira, a importação da Africa do Sul) já não funcionava, ou funcionava a meio vapor. Não mais ouvi falar em machambas colectivas.

Circuitos comerciais

Substituiu-se a actividade comercial privada pelas (célebres, ao tempo) lojas do povo. Uma organização, a nível distrital, coordenava o processo - importação, armazenagem, distribuição .Tudo decorreu razoavelmente enquanto a organização dispôs de transportes pesados nacionalizados ou apreendidos. Com a gradual avaria e imobilização destes transportes, o sistema gripou.

Parque automóvel do Estado

O Governo herdou do passado um significativo parque automóvel, o mesmo acontecendo à Frelimo, nos termos do acordo de Lusaca (todo o equipamento e, armamento não sofisticado, do exército português transitou para a Frelimo).

Moçambique - Gorongosa

Por avarias (e muitos acidentes de viação), tudo foi ficando inoperacional. A Administração ficou reduzida a um único Land Rover, o do administrador. E isto porque não o cedia ele a ninguém, e ainda funcionava a oficina própria, embora de modo precário e com o stock de peças quase esgotado.

Intimação para comparecer na PSP da Beira

Um dia, pela madrugada, alguém bate à porta. Pela janela, verifico que se tratava de soldados armados, dispostos em duas filas, no corredor do jardim que dava acesso à porta de entrada. Com algum receio, confesso, abri a porta e perguntei o que pretendiam. Um deles que se destacou do grupo, avisou:

- O Sr. comandante da PSP manda dizer para o Sr. adjunto se apresentar na Beira, no seu gabinete, às 8 horas da manhã, de hoje. E com isto se foram.

Fiquei mais descansado. Se fosse algo de grave (nunca se sabia, naquela época, o que aconteceria na hora seguinte) o procedimento seria outro que não o de "mandar apresentar".

Segui para a Beira, contactei os "meus" serviços e solicitei uma guia (documento normal, nestas circunstâncias) para apresentação na PSP. Objectivo: deixar rasto e ser portador de um documento.

O comandante só chegou pelas 10h. Conduziu-me ao gabinete, apresento-lhe a guia, que atira pela secretária fora, dizendo que não queria papéis. E em tom rígido e contundente, enceta o que me pareceu ser uma acusação:

- O sr. está sabotando a acção da Frelimo, porque ainda não reparou a picada, contrariamente ao que ficou acordado.

- Não sei do que está a falar - respondi-lhe.

- Não sabe?

- Não. Ninguém me falou em reparar picada alguma, nem sei do que se trata. Não terá isso sido tratado com o administrador Cumbane, que está numa reunião em Inhaminga?

Agarra no telefone e, em tom desabrido, pede uma ligação para o Cumbane. Minutos depois, insiste pela chamada, ameaçando o telefonista de o mandar prender.

Estabelecida a ligação, que reprimenda passa ao administrador Cumbane! Após o que me diz:

- Siga imediatamente para a Gorongosa.

- Só tenho transporte à tarde e tenho de ser portador de certa importância para salários que terei de levantar na Administração Civil - respondi-lhe.

Chamou então um condutor, a quem deu ordem de me transportar imediatamente para a Gorongosa.

Insisti pela ida à Administração Civil, pelo que "concedeu", para o efeito, cinco minutos.

Ao chegar à Administração Civil, diz o condutor: não ligue ao comandante; diga onde e a que horas quer que eu o vá apanhar, para depois seguir-mos para a Gorongosa. Excelente...

(Eu desconhecia mesmo o assunto da reparação da picada. O Cumbane nada me tinha dito.

Tratava-se de instalar um campo de reeducação).

Campo de reeducação - página negra da história da Frelimo

Um dia pela manhã, por Setembro de 1975, começaram a chegar a Vila Paiva automóveis de todos os tipos - ligeiros, autocarros, camiões - a transbordar de pessoas, também de todas as cores e raças.

O primeiro carro parou junto da casa do Matos, os outros sucessivamente atrás, e a fila estendeu-se na direcção do campo de aviação, não se lhe vendo o fim.

Moçambique - Gorongosa

De que se tratava? Só depois o soube, embora o facto fosse do conhecimento de alguns, v.g. Cumbane.

Na noite anterior, a Frelimo, coadjuvada pela polícia e populares, efectuara na Beira uma grande rusga, em que capturara centenas de pessoas que depois encafuou nas caves do Grande Hotel (este hotel nunca chegou a ser utilizado). Pela madrugada, foram os detidos ensardinados em tudo quanto tinha quatro rodas e seguiam agora para o tristemente célebre campo de reeducação da Gorongosa.

Aquele campo não era mais do que uma antiga machamba abandonada desde há anos, sem quaisquer construções ou outros meios.

Os presos foram ali despejados, construindo depois os seus abrigos.

Nunca fui a esse local, que distava uns bons quilómetros de Vila Paiva. Acompanhei muitas vezes o Cumbane em deslocações pela área. Mas nas deslocações ao campo de reeducação, quer dele, quer de outras entidades, sempre me foi dado a entender não ser desejável a minha presença.

O cônsul de Portugal, na Beira, ex-administrador Serra Frazão, veio certo dia a Vila Paiva, na intenção de visitar o campo. Não o deixaram seguir além de Vila Paiva.

Deste campo só tive, pois, reflexos e ditos, como o de mulheres com sangue a escorrer pelas pernas, por falta de pensos higiénicos ou de outra protecção.

Li uma carta escrita por dois portugueses e dirigida ao cônsul de Portugal na Beira.

Documento humano, pedindo socorro e relatando as sevícias a que eram sujeitos, como a de amarrar os presos a uma árvore e visá-los com rajadas de pistola metralhadora, para amedrontar. Davam notícia de mortes, fome e doença.

(Tal carta tinha sido encontrada numa viatura da PSP, que do campo se dirigia para a Beira e que, por alturas do Inchope, sofreu um grave acidente de viação. Algum preso terá encontrado modo de fazer chegar a carta ao cônsul, sem resultado, por via do acidente. A carta foi entregue, sim, mas ao administrador Cumbane).

Aquando da minha transferência para a Beira, o responsável pelo campo, um elemento da Frelimo, estava aprendendo a fazer o nome, para assinar os relatórios...

Vinda para Portugal do José Manuel

Entregue que fora o pré-aviso de rescisão do meu contrato, começámos obviamente a pensar em termos de cá e na imediata vinda do José Manuel, a tempo de iniciar o novo ano lectivo, até porque o colégio dos Maristas, que frequentava na Beira, dava os últimos estertores.

Não presumi dificuldades na vinda dele, pelos conhecimentos que tinha na Beira, inclusive no consulado, onde trabalhavam três ex-colegas meus, em funções de destaque.

Todas as portas se me fecharam, com evasivas de vária ordem. A barafunda era enorme, na verdade.

Pela madrugada de um dia de Setembro de 1975, fui para a fila do consulado. Já fiquei fora do edifício. Às 9 horas, a "bicha" dava a volta ao quarteirão. Às 11 horas, estava junto da funcionária que atendia. Estava ela a ajudar a preencher um pedido de passaporte, o que me pareceu extremamente moroso. Exasperado, digo-lhe:

- A sr^a já viu as pessoas que tem para atender? Estou aqui desde a madrugada. Porque não colocam outra pessoa a ensinar a preencher os papéis?

- Um momento que já o atendo, - respondeu.

E instantes depois:

-

Moçambique - Gorongosa

- Seu refilão. O sr. não me conhece? Eu conheço-o bem. Trabalhei na Administração Civil e recordo-me de o ver lá muitas vezes. O que é que quer?

- Estou desesperado - disse-lhe. Tenho que mandar o meu filho para Portugal, não tem passaporte, e na TAP dizem-me que só há lugar daqui a 8 meses.

- Eu resolvo-lhe já tudo - diz a encantadora senhora (trabalha hoje no Ministério das Finanças e muitas vezes a encontro, com prazer).

- Tome lá estes papéis, preencha-os, venha entregar-mos às 14h. e às 17 h. já lhe darei o passaporte. Quanto ao lugar no avião, aguarde uns momentos porque vem falar comigo uma funcionária da TAP, a quem já fizemos muitos favores. De certeza que lhe consegue um lugar.

Momentos depois chega uma sr.^a. a quem ela diz:

- Olha Laura (creio que era este o nome) está aqui um colega meu que necessita, com urgência, de um lugar para Lisboa. Tens que consegui-lo.

Responde a sr.^a:

- Só há lugar daqui a muitos meses. O que lhe posso garantir é um lugar por desistência de outrem.

- Em todos os voos há desistências: uns porque se arrependem à última da hora; outros porque são detidos aquando do embarque; outros ainda porque não conseguem passaporte, etc, de modo a embarcar. Poderá amanhã ir para o aeroporto. O avião sai às 11 h. Esteja lá a partir das 8h. e aguarde a chamada pelo microfone - acrescentou.

Às 8h. do dia seguinte lá estávamos no aeroporto, aguardando. Só que nada de chamada e a revista ia nas últimas malas.

Telefone à sr.^a. que me informa:

- Já o chamaram muitas vezes. Corra ao balcão da TAP.

Na verdade já tinham chamado por um "Rocha", várias vezes, o que eu ouvira. Mas eu aguardava por "Rosa", obviamente.

E lá seguiu para Lisboa o José Manuel.

Marcava o calendário: 20 de Novembro de 1975.

Nacionalizações

Aí por Novembro, iniciam-se, na Gorongosa, as nacionalizações.

Pouco relevo, na área, já que pouco havia para nacionalizar. Alguns comerciantes já tinham abandonado os seus bens. Outros, para evitar problemas, entregavam as chaves ao Cumbane.

A nacionalização mais significativa terá sido a da missão católica de Vila Paiva, e de umas lojas no Canda, cujos proprietários ainda se encontravam na Beira, facto considerado irrelevante pelo administrador.

Registo e recordo o olhar de cobiça, e de satisfação, com que Cumbane e séquito (grupos dinamizadores, Frelimo) tomavam posse dos bens.

Uma serração da área (Caetano) foi abandonada. Grande alegria, designadamente entre os trabalhadores, a quem a exploração foi entregue. Tudo rolou até que os carros não começaram a avariar. Dois meses depois a serração encerrou. Mesmo que a gestão tivesse sido eficiente, o encerramento verificar-se-ia: os circuitos entupiram e nem sequer havia compradores para a madeira, a não ser para "caufragem", isto é, da mais barata, que só servia para encaixotar os bens de quem saía (os caixotes, no cais, eram inspeccionados. Se feitos de madeira de qualidade, não seguiam).

Rescisão do meu contrato

Em Janeiro de 1976, apresento requerimento de rescisão do contrato. Foi deferido, com efeitos a partir de 13 de Julho do mesmo ano.

Odisseia bagagens

Em situação normal, encaixotar méis dúzia de haveres e embarcá-los será um "doce". Não obstante, nos termos do contrato, os cooperantes poderem fazer-se acompanhar dos bens que constituíssem sua propriedade há mais de cinco anos, o embarque dos nossos haveres foi uma odisseia, algo traumatizante.

Iniciava-se o processo com uma relação confirmada pela Administração, visada depois pela PIC (Polícia de Investigação Criminal) e autorizada pelo Comércio Externo. Tudo bem até esta fase.

E transporte? E vistoria no cais?

Tudo se acumulava e toda a gente tinha urgência. Imperavam os subornos e as vias tortuosas, tanto mais que se os proprietários saíssem de Moçambique, os bens, mesmo a aguardar transporte com todas as formalidades cumpridas, eram apreendidos, por serem considerados abandonados...

Contactei um amigo em serviço na Alfândega (Amado, ex-administrativo). Disse-me nada poder fazer porque, na altura, quem mandava na Alfândega era a Frelimo, mas que me sugeria um estratagema: recebiam-se reservas para dois barcos; mas, como era do conhecimento público, a vinda de um deles fora cancelada (a tripulação parece que se recusara a transportar os bens dos colonialistas...); assim, a Alfândega ia retirá-lo da lista de reservas e as inscrições já feitas (poucas) seriam integradas na do outro barco, respeitando a ordem de prioridade; portanto, se eu efectuasse a reserva para o barco "fantasma" teria transporte muito antes dos que, naquele dia, procediam à inscrição para o outro navio, inscrições que rondavam já as 300, a exceder certamente a capacidade de carga do navio.

Num barracão em que se aceitavam as reservas, lá estava uma fila enorme para um *guichet*, e 3 ou 4 pessoas para o outro - o barco fantasma. Fiz a reserva e coube-me o nº 22 (o Matos, nosso vizinho de Vila Paiva, fez, por esta altura, a reserva para o outro barco. Só teve transporte em Novembro).

Encaixotamento

Contratámos um carpinteiro, para fazer os contentores. A dois dias do prazo fixado para o transporte, faltou e não mais deu notícia (Não era bem visto pela Frelimo quem trabalhasse em serviços no género. Terá sido o caso?). Recorri a uma pequena oficina, de um tal João. Fechou a oficina e colocou no quintal da casa todo o pessoal a trabalhar.

Outro contratempo: acordara com o Ruas, gerente do Jaime Guedes, o transporte dos contentores para o cais da Beira, em camião provido de guincho, assim evitando carregamento a braço. A última da hora, veio informar que o camião estava avariado. A Administração ainda tinha um camião a funcionar, que o administrador Cumbane cedeu sem relutância. Na falta do guincho do camião que o Ruas cederia, foi necessário deitar abaixo parte do muro do quintal, para o camião acostar aos contentores e alguns destes tiveram que ser desfeitos, pois não houve modo de os carregar a braço.

Vistoria, no cais da Beira

Era feita por um grupo que integrava um elemento da Frelimo (quem mandava) e um funcionário da Alfândega e um guarda da PSP (que obedeciam).

Tudo espalhado no pavimento do cais, o da Frelimo revistou peça por peça e apreendeu um petromax, metade dos lençóis, 2 edredons de pele de gazela, um livro sobre etnografia e, vejam só, todas as fotografias em que havia uma cara escura, porque "os pretos não podem ir para a Europa". Quis apreender um pequeno tambor (bataque) e só não o fez porque a vossa mãe começou a lacrimejar, dizendo que era uma recordação da mãe dela, já falecida.

O problema foi quando inspeccionou uma mobília de sala de jantar. Cheirava-a e dizia: esta mobília é nova, não pode seguir.

Disse-lhe que tinha a mobília há mais de cinco anos, como era atestado nos documentos, só que habitava em casa, com recheio, do Estado, donde que a mobília tivesse tido pouco uso.

Decisão: tem que apresentar factura; fica a vistoria para amanhã; fica tudo assim fora; não pode tocar em nada.

Dei a mobília como perdida, o que não foi o caso, como a seguir se vê.

No dia seguinte, à tarde, reatou-se o acto. Diz o funcionário da Alfândega para o elemento da Frelimo:

- Não sabe de quem é esta mobília? É do sr. adjunto, da Gorongosa.

O da Frelimo disse algo que já não me recordo e rematou:

- Pode embalar tudo. Não é preciso factura.

Após a vistoria, os contentores eram envolvidos com um arame, selado na extremidade. O arame tinha-se esgotado. Solução dada/imposta:

- Vá lá fora e compre arame. Se não estivermos já aqui, a selagem tem que ficar para amanhã.

Comprei e apresentei o arame ainda a tempo da selagem se fazer nesse dia.

Mês e meio depois, os "haveres" embarcaram (Aquando da nossa chegada a Portugal, fui encontrar os contentores num descampado, ali para o Poço do Bispo, quase todos eles partidos, mas nada faltava).

Vinda da Sónia

Resolvemos que a Sónia viesse para Portugal de modo a fazer o exame da 4.^a classe na época própria, sem o que atrasaria um ano em termos escolares.

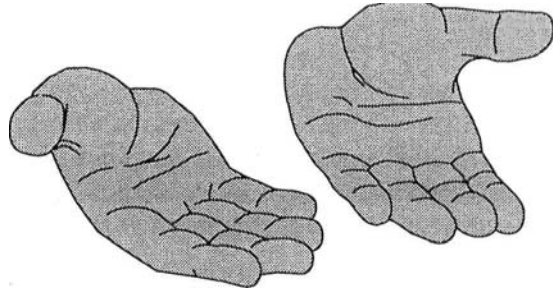
Novamente me defronto com a falta de transporte. A TAP já não operava, no que fora substituída pela DETA.

A indisponibilidade de lugares nos aviões resultava de muitas pessoas efectuarem reservas por diversas vezes e para datas diferentes: se ocorresse qualquer transtorno grave, já tinham a passagem reservada.

Recorri ao meu amigo Frangoulis (empregado do Mosca, de Vila Paiva), cuja filha trabalhava na DETA. Simpático, como sempre, prometeu conseguir lugar, "nem que tivesse que dar uma bofetada na filha".

No dia 18 de Maio de 1976, a Sónia, na companhia de uma família que conhecíamos de Vila Machado (Rodrigues/Eugenia), toma o avião para Lisboa.

Ao vê-la ausentar-se, menininha, toda doçura, iniciando nitidamente os primeiros passos na floresta, não sei o que mais pesava: se a alegria de a vermos partir para outros sois mais amenos, se a tristeza por ficarmos sem a sua companhia. Ambos os sentimentos nos enchiam a alma.



TRANSFERÊNCIA PARA A BEIRA

Em 18 de Junho de 1976, fui transferido para a Beira. Não me distribuíram casa nem a solicitei. Utilizei 30 dias de férias a que tinha direito, o que coincidia com o termo da minha prestação de serviço.

Fui o penúltimo administrativo, de nacionalidade portuguesa, a deixar o interior. Ainda ficou, no Dondo, o administrador Osório de Castro.

A Beira era, então, uma cidade já quase fantasma. As estruturas ainda se mantinham, mas nitidamente desfalcadas umas, e no estertor final, outras. Vivia-se a medo.

Não notei animosidade da população para com os europeus que ainda restavam.

Registo dois factos bem significativos referentes a um "colonialista" como eu:

. Fui reconhecido por um "cabo de terra" de Mugeba, posto em que eu trabalhara de 1964 a 1967. Abriu-se-lhe o sorriso de alegria;

. Nos CTT, na fila do guichet dos registos de correspondência, com espanto de todos os presentes, o funcionário que estava a atender, levanta-se, vem cá fora, abeira-se de mim, com efusivas manifestações, pede-me a correspondência, regista-a e dá-me o talão. Tratava-se de um ex-funcionário dos CTT de Vila Machado que, por minha interferência, não foi demitido dos CTT, pelos anos 70 (Tinha dirigido um ofício ao Director dos CTT, solicitando aumento de ordenado e falsificou a minha assinatura. O ofício estava redigido de modo normal. Quem o recebeu só duvidou da autenticidade por algumas permutas do masculino pelo feminino e vice-versa... Mas o pedido era justo e eu tê-lo-ia subscrito).

Ocorrências marcantes durante a permanência na Beira

Embarque do Renault

Foi uma história deveras complicada.

A autorização era emitida por um departamento da, já então, cidade do Maputo, departamento que, arbitrariamente, ora funcionava, ora encerrava. Nossa atitude: quando nos informavam que o departamento recebia os pedidos, reuniam-se umas tantas pessoas e participávamos nas despesas de deslocação de um elemento do grupo. Por duas vezes se deslocou um elemento, sem êxito. Na última deslocação, o nosso enviado seria o primeiro a ser atendido, quando o funcionário diz: "hoje não se recebem mais pedidos". E quando reabre? "Não sei", foi a resposta.

Já tinha admitido abandonar, ou dar, a viatura, quando as autorizações passam também a ser da competência de um departamento, na Beira. Sem dificuldade, consegui a autorização.

Mas, e transporte?

Moçambique - Gorongosa

Estava no cais um navio, salvo erro, o "Beira". Pela data da nossa vinda para Portugal, ou conseguia transporte nesse navio, ou teria que abandonar o carro. Desdobrei-me em contactos, sem êxito.

O navio saía a um sábado. Na sexta feira, anterior, de manhã, vou à ex-Companhia Nacional de Navegação para falar com o gerente, se é que naquela barafunda de "salve-se quem puder" ainda existiria essa figura.

Ao entrar, escuto, do meu lado direito: " O sr. administrador como está? O que faz aqui?" Sentado a uma secretária, de gravata, todo composto, logo reconheci o dono da voz. Pelos anos 70, várias vezes fui à Companhia visitar um amigo (Vidal Júnior), quando travei conhecimento com um empregado (servente ou escriturário), natural de Vila Machado, em cujo posto eu estava colocado. Era ele, e digo-lhe:

- Preciso embarcar o meu carro no "Beira" e não consigo lugar.

- Porque não veio falar comigo antes?

- Não sabia que o sr. ainda aqui estava. Já lá vão uns anos.

Depois de referir as pressões de todos para conseguir transporte e do navio estar a abarrotar, foi-me dizendo:

- Eu ainda vou ver se lhe consigo transporte. Venha às duas da tarde falar comigo.

À hora marcada, diz-me, eufórico, que tinha lugar assegurado, e que poderia tratar do embarque.

Tratar do embarque significava "só": despacho por despachante oficial e, meus senhores, vistoria da Alfândega. E eu tinha 3 ou 4 horas para tudo.

O escritório de um despachante era próximo, e eu conhecia o António, quem, agora, substituíra o despachante, que já debandara. O escritório havia-lhe sido entregue.

Chego, e tinha o António uma extensa fila de fregueses. Abeiro-me dele, agarro-o por um braço e digo-lhe para me acompanhar a um compartimento contíguo, vago.

O bom do António ficou surpreso, mas levantou-se e seguiu-me.

- Preciso, já, de despacho do meu carro para o "Beira".

- É já, aqueles que esperem - disse.

Ali mesmo fez a papelada e uns 20 minutos depois eu seguia com o despacho para a Alfândega.

" A vistoria dos carros já terminou, mas se a Frelimo fizer eu também faço", diz o funcionário da Alfândega. "Se a Alfândega faz, eu também. Pode ser às 5 h." diz o elemento da Frelimo.

Ainda tive tempo de mandar preparar o carro para embarque.

Foi por esta série de coincidências, felizes, que o Renault regressou a Portugal.

Que alívio! As pessoas sofriam tanto para embarcar os seus haveres que, quando o barco deixava o porto, faziam romaria, na estrada marginal, acompanhando o navio que rumava ao oceano.

Por fim, nós...

A marcação dos nossos lugares para a viagem Beira-Lisboa foi feita pelo consulado.

Acompanhei o assunto e, mesmo assim, aguardámos transporte por cerca de 30 dias.

Deram-nos OK para o dia 15 de Agosto, mas o voo não se realizou. Já ficámos instalados por conta da DETA, no hotel Moçambique, que ainda funcionava.

Nova marcação para o dia 17. Era normal os últimos passageiros não seguirem, por motivos mesmo técnicos. Dias antes, um avião com a lotação completa, quase mergulhara na pista, por excesso de carga - excesso para o seu estado.

Estratagema: muito antes do voo, marcar lugar com uma mala; gratificar um bagageiro para não deixar alterar a ordem, nem roubar a mala.

Moçambique - Gorongosa

Lá dei 500\$00 (boa gratificação para a época) a um bagageiro na tarde do dia 16. À meia noite, fui verificar se tudo estava em ordem. O bagageiro lá estava, a mala também, a fila intacta e na ordem inicial (um chefe de repartição de fazenda, meu conhecido, entendeu desnecessária a diligência bagageiro-mala. Teve lugar 15 dias depois...)

Eis-nos, no dia 17 de Agosto de 1976, na fila de embarque, último teste à resistência daquele conjunto de abandonados. Todos sabíamos da revista num cubículo (mandaram-me tirar o casaco, a gravata, os sapatos e desapertar a camisa e as calças), mas o que nos assustava era, ao entregar o passaporte ao funcionário, este olhar para um subtampo da secretária, onde havia uma lista de nomes a quem não era permitido sair do país. Uns eram presos ali mesmo, outros mandados apresentar na PIC, com apreensão dos documentos. Mas tudo correu bem.

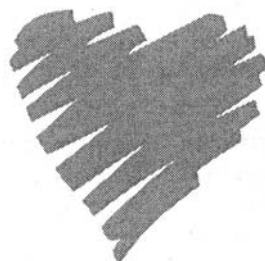


NOTA FINAL

Pergunto-me hoje o que terei sentido ao tomar o meu lugar no avião. Alívio, certamente. Mas os meus sentimentos seriam confusos e imprecisos: os efeitos da tempestade só se avaliam, lentamente, após ela terminar.

Mas hoje, 20 anos depois, não posso deixar de reconhecer que algo de mim por lá erra. Com efeito, revejo-me, menino e moço, hesitante, na Quissanga e Porto Amélia, onde muito amei alguém que então tratava por "miúda"; revejo-me, brincalhão, nas praias de Uimbe e de Mecúfi; explorador nas florestas de Nangade; profissional e eficiente em Mugeba e Vila Machado; revejo-me, finalmente, expectante e derrotado nas serras da Gorongosa.

Perdoem-me, e compreendam, que nem todo o meu eu sempre aqui permaneça.



Lisboa, Novembro de 1995

19. O Estado Português e a Frente de Libertação de Moçambique felicitam-se pela conclusão do presente acordo que, com o fim da guerra e o restabelecimento da paz com vista a independência de Moçambique, abre uma nova página na história das relações entre os dois países e povos. A Frente de Libertação de Moçambique, que no seu combate sempre soube distinguir o deposto regime colonialista do Povo Português, e o Estado Português desenvolverão os seus esforços a fim de lançar as bases duma cooperação fecunda, fraterna e harmoniosa entre Portugal e Moçambique.

Lusaka, aos 7 de Setembro de 1974.

Pela Frente de Libertação de Moçambique

Samora Moisés Machel
Presidente.

Pelo Estado Português,

Ernesto Augusto Melo Antunes
ERNESTO AUGUSTO MELO ANTUNES
(Ministro sem Pasta)

Mário Soares
MÁRIO SOARES
(Ministro dos Negócios Estrangeiros)

António de Almeida Santos
ANTÓNIO DE ALMEIDA SANTOS
(Ministro da Coordenação Inter-Territorial)

Victor M. Trigueiros Crespo
VICTOR M. TRIGUEIROS CRESCO
(Conselheiro de Estado)

Antero Sobral
ANTERO SOBRAL
(Secretário do Trabalho e Segurança Social do Governo Provisório de Moçambique)

Nuno Alexandre Louzada
NUNO ALEXANDRE LOUSADA
(Tenente Coronel de Infantaria)

Vasco Fernando Leote de Almeida e Costa
VASCO FERNANDO LEOTE DE ALMEIDA E COSTA
(Capitão Tenente da Armada)

Luís António de Moura Casanova Pereira
LUÍS ANTÓNIO DE MOURA CASANOVA PEREIRA
(Major de Infantaria)